

*Nascentes*

**O USO DOS MARCADORES PROSÓDICOS LEXICAIS DE ALTURA  
– BERROU E SUSSUROU – POR ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL DE ESCOLA PÚBLICA DE VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

*Mércia Rodrigues Gonçalves Pinheiro\**

*Vera Pacheco\*\**

**RESUMO:** A fluência de leitura é uma característica importante para que o leitor crítico recupere as variações prosódicas presentes no texto. Assim, nosso trabalho busca verificar e avaliar o comportamento prosódico dos alunos de 5º ano do Ensino Fundamental de escola pública de Vitória da Conquista – Bahia quando os MPLs vêm antes e/ou depois da frase - alvo. Nossa hipótese é a de que alunos 5º anos ainda não são capazes de produzir os marcadores lexicais de altura, a saber: *berrou* e *sussurrou*, que estão sob escopo de diferentes frases em diferentes posições. Realizou-se um estudo com as produções orais do texto – adaptado - de João e Maria pelos alunos. Foi selecionada uma escola pública de bairro periférico, com o intuito de analisar em que medida os informantes são capazes de produzir os MPLs que estão sob escopo de diferentes frases e em diferentes posições. O material coletado foi selecionado e analisado de acordo com o grau de escolaridade dos alunos e, em seguida, foram feitas as análises acústicas e estatísticas. Foi verificado se os participantes da pesquisa não conseguem implementar a variação quando os MPLs estão antepostos e, também, quando os MPLs estão postpostos. Os resultados são discutidos considerando-se o papel da prosódia da leitura e da fluência de leitura. Embora nossas análises fortaleçam e confirmem a nossa hipótese, elas acenam para o fato de que os sujeitos avaliados ainda não conseguem implementar as variações prosódicas dos MPLs.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fonética; Leitura; Produção; Prosódia.

### **Introdução**

Os aspectos prosódicos, segundo Shreiber (1991), Kuhn (2003) e Breznitz (2006) (apud SANTOS, 2012), são partes que integram o processo de desempenho da leitura, devido à sua relevância para a compreensão do material lido. Sabendo que os aspectos prosódicos são importantes para o desempenho da leitura, é possível afirmar que os leitores que conseguem organizar e recuperar a marcação prosódica corretamente têm uma leitura mais fluida e podem ser considerados leitores fluentes.

---

\* Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

\*\* Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp). Professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

Nesse sentido, um texto escrito, segundo Cagliari (1989), possui marcas gráficas que têm, como função principal, indicar para o seu leitor como deverão ser as variações melódicas e entoacionais da leitura da passagem do texto que estão sob o escopo dessas marcas gráficas, que podem ser de natureza diversa e incluem desde formatação do texto a escolha lexical e uso de pontuação. Esses e os demais recursos gráficos são chamados por Cagliari (1989, 2002) de marcadores prosódicos (MP) da escrita, os quais são usados na escrita para orientar o comportamento prosódico do leitor durante sua leitura. São recursos que expressam informações de caráter estritamente prosódico que são típicos da oralidade, em situações comunicativas.

Sendo assim, os MPs contribuem para indicar ao leitor como proceder diante do material que será lido auxiliando o leitor na implementação prosódica correta e o direcionando para uma leitura fluente.

Este artigo é recorte de uma pesquisa para a dissertação e o nosso objetivo foi verificar e avaliar o comportamento prosódico dos alunos do 5º ano de escola pública do Ensino Fundamental de Vitória da Conquista – Bahia quando os MPLs vêm antes e/ou depois da frase - alvo.

Portanto, nosso trabalho aqui está dividido em seis partes, partindo da introdução, como mostraremos a seguir.

### **Prosódia e tessitura**

Para Cagliari (1992) a prosódia é a essência da língua falada, de tal modo que a língua oral seria tão absurda sem a prosódia, como seria sem os fonemas. Para o autor, o emprego principal dos elementos prosódicos na oralidade é o de realçar ou reduzir certas partes do discurso, de uma maneira que certos valores do enunciado possam ser destacados.

Cagliari (1992) também assegura que a prosódia é a parte constitutiva da fala, pois a prosódia não existiria sem a fala, mas a fala pode existir sem nenhuma variação prosódica. Por meio da prosódia, o falante vai direcionar o seu interlocutor a como proceder. Essa preparação é feita pela prosódia (CAGLIARI, 1992).

Além disso, por meio dos aspectos prosódicos da fala, o leitor pode usar marcas gráficas, a saber: exclamação, interrogação, pontuação, palavras, a exemplo de: berrou, sussurrou, entre outras, para representar características da língua falada, pois o leitor age como falante ao ler um texto. E por meio dos marcadores prosódicos é possível recuperar, na leitura, marcas gráficas que vão direcionar o leitor a agir de acordo com o texto.

Compreendendo que a prosódia tem grande alcance entre diversos fatores da linguagem e, por isso, é de suma importância na implementação da leitura, quer silenciosa, quer em

voz alta (CAGLIARI, 1992), entendemos que é possível verificar a manifestação de aspectos prosódicos da fala por meio da tessitura. Vale lembrar que, ao compreender o conceito de tessitura, percebe-se a sua importância para os estudos da prosódia, pois as variações da fala têm um papel significativo no discurso do falante. Sendo assim, Cagliari (2001) assegura que a tessitura não pode ser estudada sozinha, ou seja, isolada dos demais elementos prosódicos, já que as variações da fala são maneiras de o falante direcionar o seu interlocutor. Além disso, ainda é importante não confundir a tessitura da fala com os padrões entoacionais dos enunciados, já que a tessitura envolve a distância entre a frequência fundamental (F0) mais baixa e a mais alta do discurso.

Em suma, podemos afirmar que tanto a tessitura quanto a prosódia constituem uma relação com a escrita, a fala e a leitura, pois, sendo a tessitura referente à escala melódica da fala, é possível compreender o tom mais grave ou mais agudo da fala por meio da prosódia. Além disso, existe uma estreita ligação entre a prosódia e seus marcadores prosódicos, a escrita, a fala e a leitura. É o que abordaremos na próxima seção.

#### **Fala, escrita, leitura, fluência de leitura e o papel dos marcadores prosódicos lexicais**

A língua e a fala se relacionam, uma vez que a fala é a condição de ocorrência da língua. Saussure (2012, p. 45) define a língua como um sistema de signos que exprime ideias. Ela é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Para Saussure (2012), a fala é definida como ato individual de vontade e inteligência, é a soma do que as pessoas dizem e compreendem, são atos da fonação igualmente voluntários, necessários para a execução das combinações individuais.

Dessa maneira, a fala é a produção de sons e o meio de manifestar o pensamento pessoal pelos mecanismos psicofísicos. Franchetto (2004, p. 13) explica como a fala ocorre:

[...] por meio do esforço muscular exagerado ou difícil e especialmente os esforços rítmicos são geralmente acompanhados por ação intermitente da glote, da língua, dos lábios e do palato mole. A alternância dos movimentos de segurar e soltar a respiração, algumas vezes fazendo as cordas vocais vibrarem, produziu a voz. (FRANCHETTO, 2004, p.13)

O som da fala é o produto da interação dos processos neuro-linguístico-motor, realiza-se por meio do aparelho fonador e se caracteriza por uma relação espectral complexa, o sinal acústico, que varia rapidamente em função do tempo (PISONI; LUCE, 1987).

Pacheco (2003) afirma que a capacidade inata de falar e de expressar seus sentimentos dá ao homem um lugar de destaque entre os animais da natureza. E que, além dessa capacidade inata, em algumas culturas, o homem desenvolveu, ao longo de sua história, a escrita.

De acordo com Fischer (2009), as representações individuais dos sons da língua surgiram com a escrita silábica, em que cada símbolo representava o som de uma sílaba. Esse tipo de escrita significou um grande avanço para a evolução da língua, pois, a partir da escrita silábica, a escrita do texto foi tornando-se mais simples do que na escrita hieroglífica.

Para Pacheco (2003), a relação entre a língua escrita e a língua falada não é unívoca, e tanto a língua escrita quanto a língua falada possuem princípios próprios, ou seja, a língua falada dispõe de características e usos próprios, que permitem que o texto escrito seja alvo de muitas críticas, no sentido de não conseguir "representar" a língua falada, considerando que muita coisa se perde ao passar da realidade oral para a escrita.

Segundo Cagliari (1989), a escrita consegue dar conta de representar a fala, pois um sistema de escrita como o nosso possui recursos que mostram ao leitor mais sutilezas e nuances da fala do que comumente se costuma acreditar, como, por exemplo, a representação de elementos suprasegmentais e prosódicos. Ainda de acordo com Cagliari (1989), ao ler um texto, o leitor age como falante e usa todas as marcas presentes no texto escrito, aproximando-se, ao máximo, do que seria a fala oral.

Dispondo a língua de recursos recuperadores de marcas no texto que o aproximam da fala real, necessário se faz destacar a relação leitura/escrita, já que a leitura dá voz à escrita.

A respeito da leitura, é possível compreendê-la em vários significados, como, por exemplo, os que são definidos por Aurélio (1999), para quem ler é

1. Percorrer com a vista (o que está escrito) proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as:
2. Pronunciar em voz alta; recitar (o que está escrito).
3. Ver e estudar (coisa escrita).
4. Perceber (sinais, signos, mensagem) com a vista ou com o tato, compreendendo-lhes o significado:
5. Observar (algo, ou certos sinais, características, etc.), percebendo, intuindo ou deduzindo a significação; decifrar ou interpretar o sentido de:
6. Adivinhar, predizer dessa maneira:
7. Interpretar o aspecto de (radiografia), o resultado de (teste), etc.
8. Reconhecer, perceber; sentir:
9. Explicar ou prelecionar como professor:
10. Realizar leitura de; captar, em determinado suporte físico (uma sequência de signos aí marcados ou registrados, ou uma série de modificações de um sinal), recuperando ou permitindo recuperar a informação nele armazenada:
11. Restr. Inform. Copiar (informação presente em algum meio de armazenamento) para a memória principal do computador, onde a informação fica disponível para ser processada:
12. Ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras, repetindo-as mentalmente ou em voz alta. (DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO, 1999).

Pode-se observar, pois, que o ato de ler envolve diferentes processos (compreensão, interpretação, conhecimento sobre o assunto, entre outros). Sobre essa temática, Pacheco (2003) afirma que, do ponto de vista da Psicolinguística, a leitura é um processo complexo que envolve várias etapas que vão desde a decodificação até a retenção.

Cagliari (1989) afirma que, do ponto de vista estritamente da leitura, a maior tarefa do leitor é a de decifrar palavras, não sendo isso o bastante quando se trata de recuperar integralmente o que o texto oferece. Para o autor, o leitor precisa, também, concatenar as palavras em unidades maiores (fonológicas, sintáticas, semânticas, discursivas, etc.).

Diante da importância de uma pessoa fazer a junção das vogais com as consoantes, bem como de agrupar as sílabas, é fundamental que ela (a pessoa) reconheça as letras e as palavras para que o leitor possa alcançar a habilidade de leitura e a fluência de leitura.

De acordo com a psicolinguística cognitiva, para que a leitura se constitua como leitura, é imprescindível que ocorram os seguintes processos: (i) decodificação – por meio do qual as palavras são reconhecidas mediante a análise de suas características visuais; (ii) integração sintática e semântica atreladas à compreensão e à integração de unidades linguísticas mais amplas como frases, enunciados e textos (PERFETTI, 1985). Dessa forma, no ato da leitura, tanto a decodificação dos símbolos escritos quanto a compreensão da decodificação desses símbolos são necessárias para o domínio dos mecanismos que são capazes de definir o fracasso ou o sucesso de um leitor. Contudo, o processo de construção de sentido na leitura se realiza quando, por meio de inferências feitas a partir de pistas linguísticas e prosódicas, o leitor consegue construir o “verdadeiro” sentido do texto, ultrapassando, assim, a visão de leitura como apenas decodificação de informações.

Portanto, sabendo que a leitura exige do leitor novos desafios relacionados ao conhecimento da linguagem, faz-se necessário o estudo do papel da prosódia e da fluência de leitura para que possamos entender melhor as técnicas utilizadas pelos leitores, como também quais as estratégias que esses leitores utilizam para enfrentar os desafios que lhes são apresentados.

Segundo Santos (2012), apesar de existirem muitos trabalhos voltados para a fluência de leitura, não há um consenso entre os autores quanto à sua definição. Contudo, a caracterização de uma leitura como fluente ou não requer, necessariamente, a consideração de aspectos prosódicos. Já para Breznitz (2006), a fluência de leitura pode ser entendida como a habilidade de ler textos em voz alta com prosódia, precisão e velocidade adequadas, colaborando expressivamente para facilitar o reconhecimento automático das palavras e facilitando a compreensão do material lido.

Não é por acaso que Cagliari (2002) retrata a importância do reconhecimento da prosódia enquanto elemento fundamental para a fluência de leitura, pois essa relevância justifica-se pelo suporte que ela assegura à compreensão. Nesse sentido, Walker, Mokhtari e Sargent (2006) afirmam que, para se ter uma leitura fluente, é preciso que se tenha três atributos: atributos de desempenho (correção da leitura, velocidade da leitura e expressividade); atributos de competência (consciência fonológica e morfológica, conhecimento da sintaxe, conhecimento da estrutura do discurso, e competências metacognitivas relativamente à leitura); e ainda atributos disposicionais (atitudes relativamente à leitura, auto-percepção como leitor e hábitos de leitura).

Santos (2012) afirma que o leitor não fluente apresenta uma leitura não fluida, sem suavidade e desconexa, já que o foco da sua atenção está voltado para a decodificação apenas no nível de palavras, prejudicando a compreensão do material lido. Portanto, a leitura fluente envolve mais que uma leitura rápida e correta, inclui também a expressividade e a naturalidade com que se lê, sendo necessário compreender o que se está a ler com pouco esforço (WALKER et al., 2006).

À medida que o reconhecimento de palavras se torna mais rápido e automático, conseqüentemente, mais espaço na memória de trabalho é dispensada para a realização de operações complexas como, por exemplo, a análise sintática, integração semântica dos constituintes da frase e integração das frases na organização textual, processos importantes na compreensão da leitura (MORAIS, 1997).

Partindo desse pressuposto, as inferências a partir de pistas linguísticas podem ser de caráter prosódico, pois, ao seguir algumas informações, a exemplo de palavras, letras/fontes e pontuação, o leitor tem um melhor direcionamento do texto que está sendo lido. Assim sendo, acreditamos que a fluência de leitura tem uma forte influência dos aspectos prosódicos, já que todos os elementos prosódicos de que a língua dispõe são responsáveis por um melhor entendimento da leitura.

Entendendo que a escrita é capaz de representar, em certo sentido, a língua falada, é válido ressaltar a importância da prosódia para a comunicação humana, pois, conforme Pacheco (2008), a escrita naturalmente desenvolveria elementos que fossem capazes de registrar graficamente os aspectos prosódicos da língua oral.

Isto posto, Cagliari (2002) assevera que o sistema de escrita de uma língua conta com recursos para registrar graficamente variações prosódicas típicas da fala, denominado de marcadores prosódicos (MP) da escrita. O autor supracitado ainda afirma que os MPs são elementos gráficos utilizados na escrita para nortear como o autor deve proceder

prosodicamente no ato da leitura. Deste modo, são considerados marcadores prosódicos: tipo e tamanho de letra, paragrafação, referências ao modo de dizer e sinais de pontuação.

De acordo com Pacheco (2006), dentre esses recursos, ainda temos os Marcadores Prosódicos Gráficos (MPG) e o Marcadores Prosódicos Lexicais (MPLs). Para a autora, os MPGs são, diretamente falando, sinais gráficos que estão presentes na escrita e incluem todos os sinais de pontuação. E os MPLs, segundo Pacheco (2006), são palavras, pois são constituídas ortograficamente e contêm tanto uma carga semântica quanto prosódica, porque essas palavras possuem informações de ordem da fala.

Pacheco (2006) considera os MPLs como entradas lexicais no léxico mental dos falantes e, dessa forma, eles podem estar sujeitos ao funcionamento de qualquer unidade lexical, tanto quanto pertencer a uma classe gramatical.

Cagliari (2002) entende que essas unidades semântico-lexicais, de cunho prosódico, podem pertencer a categorias gramaticais diversas, podendo ser um adjetivo, advérbio, expressões adverbiais que são usadas para qualificar prosodicamente o significado de um verbo que se refere ao ato de falar.

De acordo com Pacheco (2006), as entradas lexicais classificadas como marcadores prosódicos só são possíveis por causa da sua carga semântica, que comporta informações de cunho prosódico e que podem se referir às atitudes do falante: sentimentos, ritmo, volume.

Para Santos (2012), tanto a língua falada quanto a língua escrita mantêm estreita relação, pois são intermediadas, também, pelo uso dos marcadores prosódicos gráficos e lexicais, uma vez que os sinais de pontuação exercem papel importante na organização sintática e discursiva. Enquanto marcadores prosódicos, contribuem para a compreensão do discurso que está sendo conduzido, quer seja na fala, quer seja na escrita. Dessa forma, os MPLs são recursos que a escrita tem para indicar variações prosódicas nos casos em que se têm atitudes e emoções de falantes.

Contudo, ao ler um texto, o leitor proficiente implementa com facilidade os aspectos prosódicos determinados pelos MPs para que sua leitura possa apresentar características e expressividade que permitam a aproximação da linguagem oral e, com isso, o esperado é que leitores com maior nível de escolaridade apresentem, na leitura, padrões melódicos e entoacionais mais satisfatórios do que os leitores em fase de aquisição de leitura ou menos escolarizados.

A seguir, apresentaremos a metodologia utilizada para esta pesquisa.



## Metodologia

Este estudo, aprovado pelo Comitê de Ética, sob CAAE nº 09425018.3.0000.0055, objetivou verificar e avaliar o comportamento prosódico dos alunos de escola pública no 5º ano do Ensino Fundamental de Vitória da Conquista – Bahia quando os MPLs vêm antes e/ou depois da frase - alvo. Utilizamos como critério de inclusão a autonomia na leitura, isto é, capacidade de ler sem ajuda mesmo com dificuldade e que os informantes não apresentassem nenhum tipo de problema na dicção.

Com o objetivo de garantir um número de ocorrência satisfatório para análise estatística, as frases foram adaptadas com dois Marcadores Prosódicos Lexicais de altura: “*sussurrou*” e “*berrou*”. Optamos por esses MPLs porque eles são os extremos da variação de altura, por serem extremos e, considerando um leitor fluente, os informantes da pesquisa tenderiam a recuperar a variação prosódica incitada pelos MPLs.

As produções orais foram concretizadas com a gravação do texto – adaptado - de João e Maria pelos alunos. Essa gravação foi feita na escola, por meio de um *iphone*, do fabricante *Apple Inc*, em ambientes silenciosos, a fim de evitar interferências do ambiente externo. O texto selecionado foi impresso e entregue aos informantes. Cada aluno realizou três leituras do texto adaptado. O material coletado foi selecionado e analisado e, em seguida, foram feitas as análises acústica e estatística.

Por meio do *Software* de análise acústica *Praat 5.0* (Paul Boersma e David Weenink), mensuramos e analisamos os valores da Frequência Fundamental (F0) das frases que estavam sob incidência dos MPLs em dois pontos, a fim de coletar o valor da F0 no final e inicial de cada frase.

Após a tabulação dos dados do teste de produção, os escores brutos foram submetidos a análises estatísticas feitas por meio do programa *BioEstat 5.0* (Manuel Ayres). Primeiro, separamos as frases que já tinham sido mensuradas em: Frase - Alvo (FA) + MPLa (Marcador Prosódico Lexical de Altura), MPLa + FA. Em seguida, transferimos os valores de F0 dos trechos para o *BioEstat 5.0*. Comparamos as médias por meio do teste Kruskal-Wallis. Vale ressaltar que as combinações que só tinham um trecho (a saber: tabela 1) também foram comparadas no *BioEstat 5.0*, a diferença é que o teste utilizado para comparar essas combinações foi o A NOVA de Kruskal, a fim de verificar a proporção e a veracidade dos dados. Foram consideradas diferenças significativas entre as médias da F0 valores de  $p < 0,05$ , para  $\leq = 0,05$ .



## Resultado e discussão

Os estudos a respeito da leitura, da fluência de leitura e da prosódia estão aumentando gradativamente, pois uma leitura fluente e com marcação prosódica correta é de grande relevância para que tanto o leitor quanto o ouvinte entendam o texto.

Santos (2016, p. 26) assevera que indivíduos em estágio inicial de aquisição de leitura apresentam dificuldades maiores ao se depararem com os aspectos prosódicos no texto. Santos (2016) ainda diz que, por estas razões, o nível de compreensão textual de indivíduos em fase de escolarização tende a ser insatisfatório se comparado a indivíduos mais escolarizados.

Conforme a autora, a falta de marcação prosódica em uma leitura em voz alta é encontrada com maior frequência nos primeiros estágios de aquisição de leitura. Nessa fase, é comum a criança decifrar o texto de modo lento, sendo que, na maioria das vezes, negligenciam as marcas de pontuação, o que faz a marcação prosódica ser comprometida. Esse fato interfere na resignificação apresentada do sentido pretendido pelo escritor.

Sendo assim, os dados obtidos e analisados estão divididos em duas subseções. Nas subseções analisaremos o comportamento prosódico dos alunos do 5º ano do ensino fundamental quando as frases alvo vêm antes do marcador prosódico lexical de altura, a partir da análise da F0, bem como, mostraremos a análise do comportamento prosódico desses alunos quando as frases alvo vêm depois do marcador prosódico lexical de altura, a partir dos valores F0, conforme detalhado a seguir.

### **Análise do comportamento prosódico dos (as) alunos (as) do 5º ano do ensino fundamental quando as frases alvo vêm antes dos marcadores prosódicos lexicais de altura, a partir da análise da F0**

Nesta parte do trabalho, vamos analisar os marcadores prosódicos lexicais de altura (*sussurrou*, *berrou*). Esta análise foi desenvolvida após mensuração da F0 extraída das leituras orais dos participantes da pesquisa. As análises expostas neste subitem trazem as frases alvo antepostas ao marcador prosódico lexical de altura, ou seja, quando os MPLs estão depois da frase - alvo, como ocorre, por exemplo, nos trechos do texto de João e Maria - “Seu bobo, ela *berrou*”, “mesmo assim sinto pena das pobres crianças, *sussurrou* ele” e “ah, pai, João *sussurrou*”.

Numa situação de leitura em que aparece o MPL “*sussurrou*”, os leitores fluentes tendem a manter a F0 baixa por todo o trecho que cobre a frase - alvo e a elevá-la suavemente na frase que sucede, para garantir, assim, o efeito prosódico de sussurro da frase - alvo. Para o MPL “*berrou*”, espera-se que prototipicamente haja elevação abrupta da F0 por todo o trecho que cobre a frase - alvo, para garantir o efeito de berro da frase - alvo. Assim, a

presença de “*sussurrou*” e “*berrou*” desencadeia no leitor um comportamento prosódico prototípico. Diante dessa afirmação e a partir da análise das médias de F0 extraídas das leituras realizadas pelos sujeitos participantes da pesquisa, somos capazes de avaliar se esses sujeitos conseguem resgatar ou não os efeitos prosódicos incitados por esses MPLs, conforme exposto nas tabelas 1 e 2.

**TABELA 1:** Valores da F0 média obtidas no final da frase - alvo (F0FFA) e início da frase que sucede a frase - alvo (F0ITSFA) com o MPL “*Berrou*” em leitura de alunos (as) do 5º ano do Ensino Fundamental de escola pública na frase: “Seu bobo! ela berrou”.

SUJEITOS		F0FFA (Hz)	F0ITSFA (Hz)	P
5º ano				
Masculino	G.S.S.	162.2400	171.8767	0.2561 NS
	I.D. J	228.3333	256.7667	0.4617 NS
	J.V.C.	126.3067	237.6667	0.0430 <b>S</b>
Feminino	M.D.O.S	109.2467	175.8333	0.0379 <b>S</b>
	K. S. M	225.3333	188.3333	0.3313 NS
	L.O.S.S.	145.4833	104.6133	0.3081 NS

Fonte: Elaboração própria

Obs.: Quando os valores de p forem menores que 0,05 indicam diferenças significativas entre as médias,  $p \leq 0,05$ , (s).

Quando os valores de p maiores que 0,05 indicam diferenças não significativas entre as médias,  $p > 0,05$  (ns).

De acordo com os dados expostos na tabela 1, os informantes da pesquisa, com exceção das informantes K.S.M. e L.O.S.S. obtiveram a média de F0 do final da frase - alvo baixa e a média da F0 inicial da frase que sucede a frase - alvo alta, o que não é esperado nesse caso. O esperado seria que os valores das médias das F0, expostas na tabela 1, fossem mais altos no final da frase - alvo e mais baixos no início da frase que sucede a frase - alvo.

Os dados evidenciam que apenas as informantes K.S.M. e L.O.S.S. conseguem recuperar a média esperada: mais alta no final da frase - alvo e mais baixa no início da frase que sucede a frase - alvo. O valor da média da F0 obtida pela informante K.S.M. no final da frase - alvo é: 225.333 Hz e no início da frase que sucede a frase - alvo é de: 188.3333 Hz, a informante L.O.S.S. obtém o valor da média da F0 no final da frase - alvo de: 145.4833 Hz, e a média da F0 no início da frase que sucede é de 104.6133 Hz, o que é esperado nessa situação. Os resultados encontrados para as médias de F0 das sentenças produzidas pelos participantes do 5º ano deixaram claro que os alunos, com exceção de K.S.M. e de L.O.S.S., ainda não conseguem recuperar a variação prosódica nas frases que estão sob incidência do MPL.

Quando os valores da F0 de fato deveriam ser altos, no trecho **“Seu bobo”**, os valores das médias das F0 estão baixos, mostrando matematicamente que os valores da F0 do final da frase - alvo são mais baixos do que os da média da F0 de início da frase que sucede a frase - alvo e não correspondem à indicação prosódica do MPL *“berrou”*, com exceção dos (as) informantes K.S.M. e L.O.S.S.

Os dados da tabela 1 ainda nos mostram que os valores de p são maiores que 0,05, indicando diferença não significativa, com exceção dos (as) K.S.M. e L.O.S.S. do 5º ano.

Na situação em que foi analisada, esperávamos que, no trecho sob o efeito do MPL *“berrou”*, os informantes da pesquisa mantivessem a curva de F0 alta por todo o trecho que cobre a frase - alvo e que cobre o MPL. Esperávamos também que, nos trechos que estavam sob o escopo do MPL *“berrou”*, houvesse um aumento nos valores das médias da F0.

**TABELA 2:** Valores da F0 média obtida no final da frase - alvo (F0FFA) e início da frase que sucede a frase - alvo (F0ITSFA) com o MPL *“sussurrou”* em leitura de alunos (as) do 5º ano do Ensino Fundamental de escola pública nas frases: *“Mesmo assim, sinto pena das crianças, sussurrou ele”* e *“Ah, pai, João sussurrou”*.

SUJEITOS		F0FFA (Hz)	F0ITSFA (Hz)	P
5º ano				
Masculino	G.S.S.	173.8333	233.2500	0.0039 <b>S</b>
	I.D. J	181.1333	225.8167	0.0250 <b>S</b>
	J.V.C.	172.7717	227.5500	0.0374 <b>S</b>
Feminino	M.D.O.S	115.6050	189.1667	0.0163 <b>S</b>
	K. S. M	199.9667	240.0667	0.0039 <b>S</b>
	L.O.S.S.	194.1250	222.3667	0.3367 NS

Fonte: Elaboração própria.

Obs.: Quando os valores de p forem menores que 0,05 indicam diferenças significativas entre as médias,  $p \leq 0,05$ , (s). Quando os valores de p maiores que 0,05 indicam diferenças não significativas entre as médias,  $p > 0,05$  (ns).

Conforme os dados expostos na tabela 2, verificamos que os sujeitos da pesquisa obtiveram a média da F0 baixa no final da frase - alvo, o que é esperado nessa situação.

Portanto, se observarmos a tabela 2 com maior cuidado, poderemos notar que, matematicamente, os valores das médias das F0 são diferentes e, ao observar os valores de p, é possível atestar que apenas uma informante não apresentou diferença significativa entre as médias, com valor de p menor que 0.05.

Os resultados encontrados a partir das médias das F0 das sentenças produzidas pelos (as) participantes deixaram claro que os (as) alunos conseguem recuperar a variação prosódica nas frases que estão sob incidência do MPL *“sussurrou”*.

Contudo, na situação em que foi analisada, esperávamos que, no trecho sob o efeito do MPL “*sussurrou*”, os sujeitos informantes da pesquisa mantivessem a curva de F0 baixa por todo o trecho que cobre a frase - alvo e que cobre o MPL.

A seguir, apresentaremos a análise do comportamento prosódico dos alunos do 5º ano do ensino fundamental de escola pública de Vitória da Conquista – Ba quando as frases alvo estão depois dos marcadores prosódicos lexicais de altura.

### **Análise do comportamento do comportamento prosódico dos (as) alunos (as) do 5º ano do ensino fundamental quando as frases alvo vêm depois dos marcadores prosódicos lexicais de altura, a partir da análise da F0**

Nesta seção, serão apresentadas as análises feitas a partir do comportamento prosódico dos alunos do 5º ano do ensino fundamental, quando as frases alvo vêm pospostas aos marcadores prosódicos lexicais de altura (*sussurrou* e *berrou*).

Na situação em apreço, espera-se que os informantes da pesquisa mantenham os valores da F0 altos por todo o trecho que cobre a frase que antecede a frase - alvo, ou ainda elevem abruptamente a F0 sobre a frase - alvo, para garantir o efeito de berro da frase - alvo.

**TABELA 3:** Valores da F0 média obtida no final da frase que antecede a frase - alvo e início da frase - alvo com o MPL “*berrou*” em leitura de alunos (as) do 5º ano do Ensino Fundamental de escola pública nas frases: “Ela berrou. Nesse caso vamos os quatro morrer de fome”, “A madrasta se aproximou e berrou: Levantem-se - se, seus preguiçosos” e “A mulher berrou: Seu bobo, aquilo não é seu gatinho”.

SUJEITOS		F0FTAFA (Hz)	F0IFA (Hz)	P
<b>5º ano</b>				
<b>Masculino</b>	<b>G.S.S.</b>	174.6667	294.6667	0.0003 <b>S</b>
	<b>I.D. J</b>	199.8333	194.7333	0.6272 NS
	<b>J.V.C.</b>	209.0667	247.4444	0.0118 <b>S</b>
<b>Feminino</b>	<b>M.D.O.S</b>	144.5489	199.1778	0.0011 <b>S</b>
	<b>K. S. M</b>	209.7889	213.2778	0.2004 NS
	<b>L.O.S.S.</b>	191.4967	263.7383	0.0007 <b>S</b>

Fonte: Elaboração própria.

Obs.: Quando os valores de p forem menores que 0,05 indicam diferenças significativas entre as médias,  $p \leq 0,05$ , (s). Quando os valores de p maiores que 0,05 indicam diferenças não significativas entre as médias,  $p > 0,05$  (ns).

A partir dos dados expostos na tabela 3, foi possível notar que todos os sujeitos da pesquisa, com exceção do informante L.D.J., recuperam a marcação prosódica incitada pelo marcador prosódico lexical *berrou*, obtendo os valores das médias da F0 mais baixo no final da frase que antecede a frase - alvo e elevando os valores das médias da F0 no início da frase - alvo.

Ainda de acordo com os resultados expostos na tabela 3, podemos analisar que, apenas para dois informantes encontramos valores de p maiores do que 0,05, não significativos.

Os resultados encontrados a partir das médias de F0 das sentenças produzidas pelos participantes deixaram claro que os alunos, com exceção L.D.J. do 5º ano, conseguem recuperar a variação prosódica nas frases que estão sob incidência dos MPL.

**TABELA 4:** Valores das médias das F0 obtida no final da frase que antecede frase - alvo (F0FTAFA) e início da frase - alvo (F0IFA) com o MPL “*sussurrou*” em leitura de alunos (as) do 5º ano do Ensino Fundamental de escola pública nas frases: “João sussurrou. Estou olhando para ver se meu gatinho branco, que está sentado no telhado tentando me dizer adeus”.

SUJEITOS		F0FTAFA (Hz)	F0IFA (Hz)	P
<b>5º ano</b>				
<b>Masculino</b>	G.S.S.	177.6333	339.2667	0.0206 <b>S</b>
	I.D. J	188.3333	184.6867	0.1116 NS
	J.V.C.	206.3667	312.9333	0.0989 NS
<b>Feminino</b>	M.D.O.S	176.6333	188.6333	0.4935 NS
	K. S. M	202.8000	234.1000	0.0160 <b>S</b>
	L.O.S.S.	196.6667	254.0333	0.1694 NS

Fonte: Elaboração própria

Obs.: Quando os valores de p forem menores que 0,05 indicam diferenças significativas entre as médias,  $p \leq 0,05$ , (s).

Quando os valores de p maiores que 0,05 indicam diferenças não significativas entre as médias,  $p > 0,05$  (ns).

Conforme a tabela 4, foi possível verificar que o único informante que consegue recuperar a marcação prosódica incitada pelo marcador prosódico lexical “*sussurrou*” foi o informante L.D.J., os demais informantes apresentam suas médias das F0 mais baixas na frase que antecede e mais elevadas na frase - alvo. O esperado nessa situação é que os sujeitos da pesquisa obtivessem as médias das F0 mais baixas no início da frase - alvo.

Os resultados encontrados na tabela 4 deixaram claro que apenas um informante consegue recuperar a variação prosódica na frase que estão sob incidência do MPL.

### Considerações finais

Um texto escrito conta com pistas prosódicas que orientam o leitor no procedimento com as variações melódicas e entoacionais. Essas pistas podem ser denominadas, segundo Pacheco (2006), de Marcadores Prosódicos Lexicais, esses MPLs possuem uma carga semântica específica para cada variação prosódica. Durante a leitura de um texto, espera-se que o leitor implemente variações prosódicas compatíveis.

Avaliamos em nosso trabalho a produção da leitura oral em dois grupos de leitores: alunos e alunas do 5º ano do Ensino Fundamental. A nossa intenção foi verificar e avaliar o comportamento prosódico dos alunos de escola pública nas séries finais do Ensino Fundamental de Vitória da Conquista – Bahia quando os MPLs vêm antes e/ou depois da frase - alvo.

Nas situações em que foram analisadas, esperávamos que, nos trechos sob o efeito do MPL “*sussurrou*”, os sujeitos informantes da pesquisa mantivessem a curva de F0 baixa por todo o trecho que cobre a frase - alvo e que cobre o MPL. Esperávamos também que, nos trechos que estavam sob o escopo do MPL “*berrou*”, houvesse um aumento da curva de F0.

Os resultados encontrados nas análises das curvas das F0 indicaram que os participantes da pesquisa não conseguem implementar a variação quando os MPLs estão antepostos e nem quando os MPLs estão pospostos.

Essas análises acenam para o fato de que os sujeitos avaliados ainda não conseguem implementar as variações prosódicas dos MPLs. Contudo, nossas análises fortalecem e confirmam nossa hipótese de que, independentemente da posição dos MPLs, os alunos não conseguem recuperar as variações prosódicas incitadas pelos MPLs. Essa confirmação ainda nos permite afirmar que os participantes da pesquisa ainda não têm uma leitura fluente e sofisticada o bastante para fazer o resgate das variações prosódicas.

**THE USE OF PROSODIC LEXICAL MARKERS OF HEIGHT - BERROUSED AND SUS-SURED - BY STUDENTS OF THE 5TH YEAR OF THE FUNDAMENTAL EDUCATION OF PUBLIC SCHOOL IN VICTORY OF CONQUISTA - BA**

**ABSTRACT:** Reading fluency is an important feature for the critical reader to recover the prosodic variations present in the text. Thus, our work seeks to verify and evaluate the prosodic behavior of 5th grade elementary students in a public school in Vitória da Conquista - Bahia when MPLs come before and / or after the target phrase. Our hypothesis is that 5th year students are not yet able to produce the height lexical markers, namely: screamed and whispered, which are under the scope of different phrases in different positions. A study was carried out with the oral productions of the text - adapted - by João and Maria by the students. A public school in a peripheral neighborhood was selected in order to analyze the extent to which informants are able to produce MPLs that are under the scope of different phrases and in different positions. The collected material was selected and analyzed according to the students' education level, and then the acoustic and statistical analyzes were performed. It was verified that the research participants are unable to implement the variation when the MPLs are placed in front and also when the MPLs are placed. The results are discussed considering the role of reading prosody and reading fluency. Although our analyzes strengthen and confirm our hypothesis, they point to the fact that the evaluated subjects are still unable to implement the prosodic variations of the MPLs.

**KEYWORDS:** Phonetics; Production; Prosody; Reading.

**REFERÊNCIAS**

/

AYRES, M.; AYRES JÚNIOR, M.; AYRES, D. L.; SANTOS, A. A. 2007. *BIOESTAT – 16 Aplicações estatísticas nas áreas das ciências bio-médicas*. Ong Mamiraua. Belém: Ong 17 Mamiraua; 2007.

BREZNITZ, Z. *Fluency in reading: synchronizaton of processes*. Mahwah: Lawrence Elbaum Associates, 2006.

CAGLIARI, L.C. *Marcadores prosódicos na escrita*. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 18, 1989, Lorena. Anais... Lorena: Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo, 1989. p. 195-203.

CAGLIARI, L.C. *Prosódia: Algumas Funções dos Supra-segmentos*. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, v.23, p 137-151, 1992.

\_\_\_\_\_. *A Estrutura Prosódica do romance A Moreninha*. Oxofor: Estágio Pós-Doutoral, 2002. 40 p. (Relatório).

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO. Século XXI. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Novembro de 1999. Dicionário virtual <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/oralidade>. Acesso em: 12/01/2019.

FISCHER, Steven R. *História da escrita*. São Paulo: UNESP, 2009.

FRANCHETTO, Bruna; LEITE, Yonne. *Origens da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GOOD, RH 3rd, SIMMONS, D. C, KAME'ENUI, E. J. *The importance e decision making utility of a continuum of fluency-based indicators of foundational reading skills for third-grade highs takes out comes*. SciStudRead. 2001; 5 (3): 25788. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1207/S1532799XS SR0503\\_4](http://dx.doi.org/10.1207/S1532799XS SR0503_4).

MORAIS, J. *A arte de ler*. Trad. Álvaro Lorencini - São Paulo: Editora UNESP, 1996.

PACHECO, V. *Estudo dos Marcadores Prosódicos através de uma investigação acústico-perceptual de textos lidos por falantes do português do Brasil*. 2003. 132p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

PACHECO, V. *O efeito dos estímulos auditivo e visual na percepção dos marcadores prosódicos lexicais e gráficos usados na escrita do português brasileiro*. 2006. 349p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

PACHECO, V. *Evidências do funcionamento da língua oral no texto escrito*. Interseccções, 2008, v. 1, p. 1-15.

BOERSMA, P.; WEENINK. D. Praat 5.0 Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/downloadwin.html> Acesso em: Jul. 2018.

PERFETTI, C. *Reading ability*. New York: Oxford University Press, 1985.

PISONI, D.B.; LUCE P.A. *Trading relations, acoustic cue integration, and context effects in speech perception*. In: SCHOUTEN, M.E. H. (org.) *The Psychophysics of speech perception*. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1987, p. 155-172. (Nato Aso, 39).

SANTOS, A. *O papel dos marcadores prosódicos na fluência de leitura*; Dissertação (Dissertação de mestrado). - Programa de Pós-Graduação em Linguística Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.

WALKER, B.J., MOKHTARI, K., & SARGENT, S. Reading fluency: More than fast and accurate Reading. In T.V. Rasinski, C. Blachowicz, & K. Lems (Eds.). *Fluency Instruction: Research-based Best Practices*. New York: Guilford Pres. 2006. pp. 86-105.

Recebido em: 31/03/2021.

Aprovado em: 27/05/2021.